

PREFERÊNCIA DO ESTILO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

RESUMO

Os estilos de aprendizagem vêm sendo cada vez mais estudados e desenvolvidos no ensino superior, pois possibilitam ao aluno identificar novas formas de pensar sobre seu próprio estilo. Deste modo, o objetivo do estudo é analisar a preferência em relação ao estilo de aprendizagem demonstrado pelos alunos do curso de ciências contábeis matriculados na UCEFF Faculdades no município de Chapecó S/C. As informações foram coletadas por meio do questionário de estilos de aprendizagem de Kolb de 1984, e analisados de forma descritiva, qualitativo. A população da pesquisa compreende todas as faculdades de graduação em ciências contábeis do município de Chapecó/SC. Para a escolha da amostra utilizou-se o método não probabilístico por conveniência. Deste modo, a amostra do estudo compreende uma faculdade de graduação em ciências contábeis do município de Chapecó/SC. A faculdade UCEFF, apresenta um total de 150 alunos matriculados no curso de ciências contábeis, o questionário aplicado foi enviado por meio eletrônico. Deste modo, a amostra final ficou composta por 53 alunos. Os resultados demonstram que o estilo de aprendizagem predominante nos estudantes do curso de ciências contábeis foi o divergente, ou seja, os alunos deste curso captam as informações por meio da experiência concreta, expressam seus sentimentos enquanto aprendem e interagem com o professor e os colegas, esse resultado também se verifica em relação à faixa etária, sexo e semestre dos alunos. Deste modo, os alunos no decorrer dos semestres utilizam mais da experiência, dos sentimentos e pensamentos em seus estilos e nos semestres finais começam a utilizar em seus estilos de aprendizagem a prática, passando a identificar seus próprios estilos de aprendizagem.

Palavras-chave: Estilo de Aprendizagem, Inventário de Kolb, Ciências Contábeis.

1 INTRODUÇÃO

Com as constantes mudanças no conhecimento, o ensino em contabilidade necessita de modelos onde os alunos possam participar do método de ensino aprendizagem, possibilitando meios de interação do conhecimento entre professor e aluno. Além disso, espera-se que o processo de ensino em contabilidade apresente uma nova percepção de ação lógica e crítica, que possibilite ao aluno novas formas de pensar sobre seu próprio estilo, cultural e profissional (SILVA, 2006).

O processo de aprendizagem tem como objetivo o alcance do conhecimento que é adquirido por meio de caminhos diferentes para cada pessoa. Dessa forma, entende-se que estes caminhos são os estilos de aprendizagem, visto que estes são meios utilizados para compreender assuntos tratados em aulas, ou seja, é a condição particular do indivíduo para conseguir captar, processar, reter e transformar o conhecimento que foi apresentado. Além disso, o estilo de aprendizagem pode ser definido como a metodologia utilizada para obter conhecimento, visto que este não pode ser considerado como o que a pessoa aprende, mas sim, a forma como age durante o exercício do aprendizado (OLIVEIRA, 2012).

Nesse sentido para Felder e Spurlin (2005) comenta que identificar os estilos de aprendizagem não significa classificar e modificar a cultura dos alunos, e sim detectar os diferentes pontos fortes e preferências do indivíduo, também é considerado um meio de avaliação de como estes alunos agem no processo de informação. Os alunos podem ter habilidades associadas a várias categorias de cada aspecto do estilo de aprendizagem, que precisam ser definidos e posto em prática em suas habilidades preferidas. A teoria de estilos de aprendizagem vem sendo estudada e desenvolvida há anos no ensino superior. Há relatos

das contribuições da teoria para a evolução do ensino, e espera-se que muitos estudos ainda venham a contribuir (FIGUEIREDO; NORONHA; OLIVEIRA, 2008).

Nesse contexto, diversas foram às pesquisas realizadas que analisaram a preferência dos estilos de aprendizagem dos alunos de graduação em ciências contábeis, tanto no âmbito nacional e internacional, como o estudo desenvolvido por Baldwin (1984), Stout (1991), Leite, Batista, Paulo e Siqueira (2008), Valente, Abib e Kunsnik (2009) e Reis, Paton e Nogueira (2012). No âmbito de outras disciplinas como gerenciamento financeiro destacam-se a pesquisa de Fox e Bartoholomae (1999), em vários cursos e várias universidades o estudo de Cerqueira (2000) e em outros contextos os estudos de Joy e Kolb (2009) e Manolis, Burns, Assudani e Chinta (2013). Entretanto, estes estudos indicam que há uma lacuna entre as preferências dos estilos de aprendizagem dos alunos, sendo que as evidências apresentadas nestes estudos anteriores demonstram a relevância deste estudo, que possibilitará contribuir para com o ensino superior em ciências contábeis.

Diante desse contexto, esta pesquisa pretende responder a seguinte questão: qual é a preferência de estilo de aprendizagem dos alunos do curso de ciências? O objetivo do estudo é analisar a preferência em relação ao estilo de aprendizagem demonstrado pelos alunos do curso de ciências contábeis matriculados na UCEFF Faculdades no município de Chapecó S/C.

O estudo justifica-se por fornecer informações sobre os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos do curso de ciências contábeis, contribuindo para a identificação de seus próprios estilos e para a compreensão e preparação dos professores do material e recursos adequados a serem utilizados em suas aulas, que atendam estes estilos de aprendizagem dos alunos. Cada vez mais se faz importante reconhecer e mensurar as diferenças de cada pessoa, de tal modo a conseguir identificar as características de cada um, com a intenção de conferir um bom desempenho. Também a partir da identificação das características dos indivíduos podem-se estabelecer prognósticos em partes à conduta futura das pessoas, conseguindo identificar as qualidades de cada uma em estudos e planos educativos (CERQUEIRA, 2000).

Do mesmo modo, Leite, Batista, Paulo e Siqueira (2008) comenta que os diferentes estilos de aprendizagem favorecem informações acerca do estudante universitário, com o intuito de conhecer como o mesmo aprende e possibilitar uma maior satisfação e aproveitamento em seus estudos. Além disso, os autores destacam que deveria ser responsabilidade dos programas de ensino empregar métodos de avaliação que diagnosticassem os diferentes estilos de aprendizagem, para assim, obter novas metodologias de ensino, aprendizagem e avaliação apropriadas às expectativas dos alunos.

A pesquisa justifica-se ainda, pela escolha da Faculdade UCEFF, que se deu pelo fato desta instituição ser a maior faculdade do oeste de Santa Catarina, que tem como intuito conforme a Lei das Diretrizes e Bases da educação Nacional (Lei 9.394/96) em seu Art. 43 § II, “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua”.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Neste tópico aborda-se a revisão de literatura. Inicialmente apresenta-se a conceituação dos estilos de aprendizagem. Segue-se com a abordagem sobre os estilos de aprendizagem de Kolb e por fim os estudos relacionados.

2.1 Estilos de Aprendizagem

A compreensão da aprendizagem desenvolveu-se em todas as áreas do conhecimento direcionada ao processo que desenvolveu técnicas de como compilar, gravar e recuperar as informações (CERQUEIRA, 2000). Diversos trabalhos pesquisaram o conhecimento e as

novas tecnologias no ensino e na aprendizagem que consequentemente produziram os processos da aprendizagem e na mesma sucessão os estilos de aprendizagem. Os estudos sobre os estilos de aprendizagem vêm sendo realizado na área da educação, estes são importantes, pois possibilitam ao estudante tomar consciência da sua preferência de estilo possibilitando uma melhor compreensão e absorção do aprendizado (FIGUEIREDO; NORONHA; OLIVEIRA, 2008; SANTOS; MOGNON, 2010).

O aluno deve buscar novos conhecimentos, ampliando assim seus saberes, porém o processo de construção diferenciada do aprendizado depende muitas vezes do seu estilo particular de aprender. Este processo de aprender pode ser entendido quando são observadas crianças que aprendem a dizer e juntar as palavras após ler um livro de alfabetização, enquanto outros aprendem brincando com peças que contenham letras (PORTILHO, 2011; REIS; PATON; NOGUEIRA, 2012).

Elementos como personalidade, história de vida, cultura, motivação e fatores ambientais modificam o entendimento que o individuo faz da realidade, influenciam nos processos de aprendizagem e caracterizam uma maneira particular de aprender. A prática de aprender é uma atividade muitas vezes dificultosa que precisa ser realizada em diferentes âmbitos, como individual e social. O processo de aprendizagem depende da motivação e interesse do individuo bem como da qualidade entre aprender e adquirir o conhecimento (SIQUEIRA; PRATES; PAULA, 2012).

Os estilos de aprendizagem são considerados importantes em todas as áreas do conhecimento, pois permitem constituir um processo educacional eficaz nas técnicas de ensino, porém esta técnica também é considerada um modelo crítico no processo de ensino e aprendizagem. Isso se deve à necessidade dos educadores de aperfeiçoar o ensino, estes devem empregar técnicas para compreender os estilos de aprendizagem dos alunos a fim de melhorar o método educacional (VALENTE; ABIB; KUSNIK, 2009).

Apesar de não haver um conceito definido entre os autores que estudaram os estilos de aprendizagem, varias são teorias que pesquisaram como as pessoas aprendem a fim de inventariar os estilos de aprendizagem (REIS; PATON; NOGUEIRA, 2012). Deste modo, o estudo apresenta algumas definições de diversos autores nacionais e internacionais, conforme é apresentado no Quadro 1:

Quadro 1- Definições de Estilos de Aprendizagem

Autores	Conceito
Kolb (1984)	Estado contínuo, ocorrido devido às características que se origina das combinações de conhecimento entre o individuo e seu ambiente.
Felde; Silverman (1988)	Capacidade de adaptar ao seu estilo ou a sua preparação prévia de aprendizagem. Os alunos aprendem de várias formas: ver e ouvir; refletir e agir; raciocinar; memorizar, visualizar e também por meio de analogias matemáticas, como desenhos.
Allessandrini et. al. (1999)	Estilo próprio, exclusivo utilizado para falar, escrever, assumir uma opinião própria de tal modo a adquirir a marca do sujeito.
Cerqueira (2000)	São as interações de diversos fatores como: hereditários, experienciais, exigências do ambiente.
Silva (2006)	Forma particular de adquirir habilidades por meio da experiência ou anos de estudo e da adaptação à busca do ambiente.
Figueiredo; Noronha; Oliveira (2008)	Procura de meios para facilitar a aprendizagem, considerando a dificuldade do processo de inclusão de novas tecnologias presentes no cotidiano.

Portilho (2011)	O procedimento de como o aluno gosta de atingir suas tarefas, ou seja, diferentes costumes de usar a inteligência.
Oliveira (2012)	Método pessoal do indivíduo para aprender conforme o seu modo, e conforme as diferentes circunstâncias de trabalho.
Williams; Brown; Etherington (2013)	É o modo como os indivíduos escolhem para processar as novas informações e aplicar para o seu aprendizado ideal.

Fonte: Dados da Pesquisa

Por meio do quadro 1, compreende-se que cada autor relaciona os estilos de aprendizagem a certas características, tais como ambientais, sociais, culturais, comportamento, costumes, memorístico e utilitário, demonstrando a maneira como o aluno se comporta no processo de aprendizagem. Portanto, a compreensão sobre os diferentes estilos de aprendizagem é muito importante para o aluno, uma vez que avaliada à maneira como o conhecimento é entendido, o aluno pode utilizar de métodos para aperfeiçoar seu próprio estilo de aprender, buscando uma melhor capacidade para desenvolver seu conhecimento (OLIVEIRA, 2012).

2.2 Estilo de Aprendizagem de Kolb

O autor David Kolb iniciou suas pesquisas a respeito dos estilos de aprendizagem em 1971, em uma linha de estudos aplicada a estudantes universitários, devido à percepção da necessidade de associar o ato de aprender com as experiências e o ambiente. “Porém, essas ideias, consideradas tão importantes como são as capacidades de aprender, parecem limitadas ou sujeitas a máximas como: colocar maior empenho ou esforço por parte do estudante”, em vista disto, kolb elaborou um modelo experiencial no qual compreende o processo de aprendizagem baseado na própria experiência (OLIVEIRA, 2012; CERQUEIRA, 2000, p: 48).

Neste contexto Kolb (1984) em sua teoria experimental destaca que a conquista que o desenvolvimento do aluno proporciona está subordinadas a aprendizagem. Deste modo, percebeu-se a necessidade de criar o inventário de estilos de aprendizagem, inicialmente este inventário de Kolb apresentava nove componentes, em 1984, devido as constantes mudanças na capacidade de examinar novas oportunidades e aprender com erros, passou a ter doze sentenças. Em seu inventário as sentenças apresentam quatro opções, dispostas de forma horizontal, sendo assim os alunos ordenam as opções de cada sentença e classificam-nas de 1 (menos representa o aluno) a 4 (melhor descreve o aluno), conforme a menor ou maior identificação pessoal do indivíduo com cada opção apresentada. Com os pesos das respostas são calculados os índices para identificar o melhor estilo de aprendizagem de cada amostra (OLIVEIRA, 2012; CERQUEIRA, 2000).

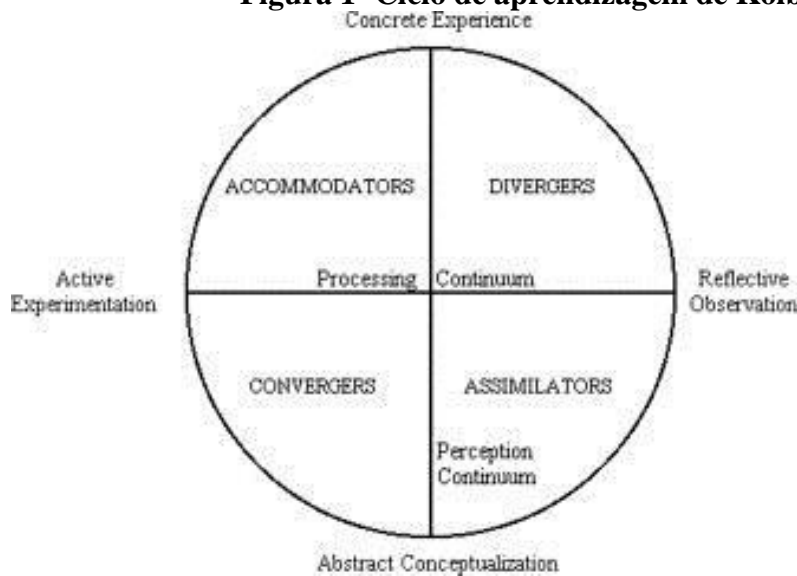
Na concepção de Leite, Batista, Paulo e Siqueira (2008) o inventário de Kolb, é constituído de algumas decisões associadas às alternativas. Estas recebem um peso conforme com o que o estudante acredita que melhor descreve suas atitudes e sensações no momento em que ele está aprendendo.

O modelo de Kolb apresenta um quadrante cíclico que classifica os quatro modos de aprendizagem circulares de um indivíduo dos quais são considerados como: acomodador, divergentes, assimiladores e convergente, e são dimensionados por meio de quatro índices a partir dos pesos que o estudante atribuiu (Williams, Brown & Etherington, 2013).

O índice *concrete experience* (experiência concreta) é conceituado como aprender pelo uso de sentimentos e experiências. Os indivíduos deste estilo se identificam por meio de exemplos nos quais se sintam envolvidos, gostam de trabalhar em grupo; *reflexive*

observaiton (observação e reflexão) definida como a aprendizagem por meio da observação. Os indivíduos deste estilo aprendem por meio do julgamento, reflexão, observação e assistindo aulas; *abstract conceptualization* (conceituação abstrata) aprendizagem conhecida como o uso de ideias, lógica, está baseado no pensamento e raciocínio lógico. Aprendem por meio de professores, teorias e conceitos; *active experimentation* (experiência ativa) conhecida como a aprendizagem do fazer, os alunos deste estilo realizam atividades práticas, projetos e gostam de fazer tarefas em casa (Cerqueira, 2000). Deste modo, o ciclo de aprendizagem de Kolb (1984) é apresentado na Figura 1:

Figura 1- Ciclo de aprendizagem de Kolb



Fonte: Kolb (1984)

O modelo de Kolb estabelece que toda aprendizagem requer um movimento cíclico de quatro estilos, no qual cada indivíduo se caracteriza em um dos estilos fundamentados, estes estão no alcance de duas dimensões: processamento e percepção (SILVA, 2006).

Oliveira (2012) explica que o estilo *accommodators* (acomodador), pode ser definido como processo de aprendizagem do qual o indivíduo aprende baseado em sentir e fazer. Alunos com este perfil buscam fazer, realizar planos e experimentos, confiando em seu conhecimento e em sua intuição. Já para Cerqueira (2000) os acomodadores têm como preferencias a experimentação ativa e a experiência concreta. Devido ao gosto da experimentação aprendem inventando coisas, aceitando desafios em circunstâncias imediatas, agindo pelo sentir ao invés da lógica. Na visão de Williams, Brown e Etherington (2013, p:111) os “acomodadores desfrutam de experiência prática e prosperam em situações novas e desafiadoras”.

Identificam-se com o estilo *assimilators* (assimilador), os indivíduos que compreendem diferentes informações, classificando-as, em uma ordem lógica. Aprendem essencialmente pela observação que induz a reflexão e pela conceituação imaterial, criam habilidades cuja preocupação não é usar a teoria e sim o raciocínio para inventar modelos pensativos e teóricos. Usam a lógica, do que os valores da prática são mais ativos as ideias do que as pessoas (WILLIAMS; BROWN; ETHERINGTON, 2013; CERQUEIRA, 2000). Para Silva (2006) o estilo assimilador é conceituado como a preferencia que o aluno tem para habilidades lógicas, estes aprendem mais por observações e utilizam o raciocino indutivo.

Os alunos com o perfil *convergers* (convergente) preferem aplicar métodos da pratica para executar as tarefas, principalmente quando os exercícios apresentam apenas uma resposta.

Almejam a conceituação abstrata e a experimentação ativa, resolvem bem os problemas e assumem as decisões. Atuam melhor nas situações em que existe uma única solução correta, utilizam do raciocínio dedutivo (WILLIAMS, BROWN; ETHERINGTON, 2013; CERQUEIRA, 2000).

Os indivíduos *divergers* (divergentes) escolhem as circunstâncias conforme o número de diferentes expectativas. Atuam bem nas situações que pedem novas ideias, tem o perfil do qual aprendem pela experiência concreta e observação reflexiva. Deste modo, são criativos, distinguem os problemas e compreendem as pessoas (WILLIAMS; BROWN; ETHERINGTON, 2013; CERQUEIRA, 2000).

O inventário dos estilos de aprendizagem de Kolb pode ser encontrado em diversas pesquisas o que demonstra a sua importância e comprova a contribuição para a aprendizagem (CERQUEIRA, 2000). Dessa forma, o próximo tópico trata de alguns estudos que utilizam o instrumento de Kolb para dar embasamento à pesquisa.

2.3 Estudos Relacionados

O tema estilos de aprendizagem já foi pesquisado por diferentes autores em contextos nacionais e internacionais e em áreas distintas como: saúde, engenharia, educação e contabilidade e entre outras áreas.

Baldwin (1984) utilizou o modelo Kolb de 1976. Em sua pesquisa o autor analisou o melhor estilo de aprendizagem para o desenvolvimento da educação em contabilidade, entre os professores e os alunos. Os achados demonstram que o estilo predominante entre os alunos foi convergente e entre os professores o assimilador. Além disso, os resultados confirmam que os alunos iniciantes aprendem pelos estilos dos professores e que no decorrer do curso passam a identificar seus próprios estilos de aprendizagem.

Stout (1991) em sua pesquisa investigou os estilos de aprendizagem dos estudantes de contabilidade. Foram utilizadas duas metodologias para avaliar os estilos de aprendizagem, um dos métodos utilizados foi o inventário de Kolb de 1984. Não houve diferenças significativas entre os estilos de aprendizagem dos alunos.

Fox e Bartoholomae (1999) em seu estudo avaliaram os estilos de aprendizagem e o desempenho acadêmico de estudantes de uma turma de gerenciamento financeiro, para pesquisar o desempenho. Verificou a origem, história acadêmica, tempo disponível para se dedicar aos estudos, sexo, idade e raça. Além disso, os estilos de aprendizagem dos alunos foram identificados por meio do inventário de Kolb de 1984. Os resultados demonstram que a história e o tempo dos alunos influenciam nas notas do curso. Quanto aos estilos de aprendizagem a utilização do inventário de Kolb não alcançou resultados significativos na turma de gerenciamento financeiro. Deste modo, o estilo predominante nos estudantes foi o convergente. No que diz respeito ao sexo, os estudantes do sexo masculino se identificam mais com o estilo convergente e acomodador. O teste não revelou diferenças quanto à idade e raça, visto que encontraram os mesmos resultados, ou seja, o estilo acomodador.

Cerqueira (2000) aplicou, moldou e validou o Inventário de Estilo de Aprendizagem de Kolb de 1984 em estudantes universitários de vários cursos e de várias universidades brasileiras. Analisou qual a preferência de estilo de aprendizagem dos alunos por área do conhecimento e informação. Além disso, verificou os estilos de aprendizagem por idade, semestre e instituição. Obteve-se como resultados que a predominância entre os alunos foi o estilo assimilador, em todos os semestres e áreas pesquisadas, demonstrando que no decorrer das idades a preferência pelo estilo assimilador diminuía, por outro lado, o estilo de aprendizagem acomodador aumentava. Além disso, observou-se um aumento do estilo convergente nas turmas dos semestres finais.

Os autores Leite, Batista, Paulo e Siqueira (2008) examinaram a relação entre os estilos de aprendizagem e o desempenho acadêmico dos alunos de Ciências Contábeis de uma

universidade pública. Utilizando como instrumento para coleta dos estilos de aprendizagem o Inventário de Kolb de 1984. Os resultados apontam que o estilo de predominância entre os alunos desta universidade é o divergente, quanto aos melhores desempenhos também apresentou o estilo divergente como predominante. Porém não foi descoberta semelhança entre estilos de aprendizagem e desempenho acadêmico do aluno.

Valente, Abib e Kusnik (2009) identificaram em sua pesquisa, a predominância nos alunos e professores do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Ponta Grossa os estilos de aprendizagem, aplicando o teste de Kolb. Os resultados indicam uma discordância entre a preferência de estilos de aprendizagem dos alunos e o estilo de ensinar dos professores. Os achados indicam que a maioria dos professores preferem ensinar por meio de conceitos e os alunos preferem aprender por meio de experimentos e descobertas. Deste modo, o estilo de aprendizagem predominante apresentado no estudo foi o convergente.

Joy e Kolb (2009) averiguaram em seu estudo se a cultura influenciava no estilo de aprendizagem dos indivíduos. Para isso, utilizou-se o método de Kolb. O questionário foi aplicado em diferentes países, foi considerado à cultura, sexo, idade, nível de escolaridade dos alunos para avaliar os estilos de aprendizagem. Os resultados indicam que o estilo predominante dos alunos foi o assimilador, e que a cultura influencia em alguns aspectos os estilos de aprendizagem. Além disso, o estudo divulgou que as pessoas que tem um estilo abstrato são de países mais ricos. Em relação ao sexo a predominância de estilo foi o convergente seguido pelo assimilador, quanto à faixa etária foi o estilo divergente e assimilador.

Reis, Paton e Nogueira (2012) buscou identificar as diferenças de estilos de aprendizagem dos alunos de graduação em ciências contábeis de universidades públicas para privadas aplicando o teste de Kolb de 1984. Os resultados indicam a influência do estilo convergente nos alunos de ciências contábeis e o de menos influência o divergente. Em relação às turmas, estas apresentaram como predominância o estilo acomodador. Desta forma, técnicas de aprendizagem foram diferenciadas para cada turma do curso de ciências contábeis. Além disso, outro item a ser considerado que pode impactar nos resultados é em relação ao perfil dos alunos do curso de ciências contábeis, visto que estes podem exercer específicas atividades na área contábil, com isso adquirir um perfil de estilo de aprendizagem se comparado com os alunos ingressantes, que provavelmente apresentam outro perfil.

Manolis, Burns, Assudani e Chinta (2013) em seu estudo modificaram o inventário de estilo de aprendizagem de Kolb (1984) com o objetivo de torna-lo em uma forma mais eficaz de identificar o estilo de aprendizagem dos indivíduos em um nível de medida contínua transformando-o mais econômico e também mais fácil de utilizar. A pesquisa teve como aprovação uma validação de multi amostras que comprovam o emprego desta transformação, proporcionando uma opção adicional de método para o inventário de Kolb. Obteve-se como resultados a aprovação de um método que auxilia a avaliação da eficiência dos estilos de aprendizagem dos alunos e complementa o método de Kolb. Além disso, os resultados sugerem que os quatro índices são válidos, porém pouca evidência é fornecida para confirmar as dimensões do inventário de Kolb.

De acordo com as pesquisas realizadas, pode-se observar que os estudos sobre os estilos de aprendizagem vêm evoluindo ao longo dos anos principalmente na área contábil, porém ainda são necessárias mais pesquisas no curso de ciências contábeis, dessa forma o presente estudo representa uma contribuição para a literatura.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se quanto aos objetivos descritiva, pois inventaria e identifica os diferentes os estilos de aprendizagem dos alunos de graduação em ciências contábeis. No que tange à abordagem do problema, a pesquisa é classificada como

quantitativa. Quanto aos procedimentos adotados para a coleta dos dados esta pesquisa classifica-se como pesquisa de levantamento por meio da aplicação do questionário do inventário de estilos de aprendizagem de Kolb (1984) a todos os alunos matriculados no curso de ciências contábeis da UCEFF- Faculdades do município de Chapecó/ SC. Segundo Kerlinger (1980) a pesquisa de levantamento visa estudar as características de uma determinada amostra, a partir da aplicação de um questionário.

A pesquisa descritiva descreve as particularidades de uma população ou fenômeno constituindo relações entre as variáveis estudadas por meio do emprego da coleta de dados (GIL, 2002).

No que tange à abordagem do problema, a pesquisa é classificada como quantitativa, pois conforme Richardson (1999) empregou-se a quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dos dados por meio de técnicas estatísticas. Nesta pesquisa, utilizou-se a análise de frequência e posterior apresentação dos dados em tabelas.

3.1 População e Amostra de Pesquisa

A população da pesquisa compreende todas as faculdades de graduação em ciências contábeis do município de Chapecó/SC. Quanto à escolha da amostra utilizou-se o método não probabilístico por conveniência. Deste modo, a amostra do estudo compreende uma faculdade de graduação em ciências contábeis do município de Chapecó/SC. A UCEFF Faculdades, apresenta um total de 150 alunos matriculados no curso de ciências contábeis. A aplicação do questionário foi por meio eletrônico, obtendo um total de 53 respostas.

As informações são recolhidas por meio do questionário inventário de Kolb (1984) e os dados foram coletados no mês de maio de 2014. Os alunos que responderam o questionário são de todos os semestres, como a instituição apresenta um processo seletivo por ano para o curso de ciências contábeis, os semestres representados na pesquisa são: 1º, 3º, 5º e 7º.

Após obter as respostas dos alunos, procedeu-se a análise dos questionários. Conforme Bardin (1977, p: 42), a análise corresponde “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção”. Deste modo, o questionário foi composto por doze perguntas onde foram atribuídos pesos de 1 a 4 pelos respondentes, agrupados e combinados dois a dois, posteriormente foram lançados no plano cartesiano de Kolb, onde geraram os estilos individuais de aprendizagem dos alunos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após o envio do questionário aos alunos, analisaram-se as informações fornecidas por estes, conforme a teoria de Kolb (1984). A tabela 1, evidencia os dados demográficos dos alunos da pesquisa.

Tabela 1- Dados demográficos

Sexo	Alunos	Dados
Feminino	36	68%
Masculino	17	32%
Faixa Etária por Idade	Alunos	Dados
16 aos 20	31	58,49%
21 aos 23	13	30,19%
24 aos 52	9	18,87%
Semestre	Alunos	Dados

1	14	26%
3	21	40%
5	8	15%
7	10	19%

Fonte: Dados da Pesquisa

Por meio da Tabela 1, verifica-se, que do total das 53 respostas obtidas, a quantidade maior de respondentes foi no primeiro e terceiro semestre. Além disso, pode-se analisar que a maioria dos respondentes é do sexo feminino e da faixa etária dos 16 aos 20 anos, em vista disto impacta nos resultados, visto que a predominância do estilo de aprendizagem vai contar no sexo feminino. Nesse sentido, para determinar os estilos de aprendizagem predominante nos alunos do curso de ciências contábeis, inicialmente foi feito a análise dos índices de aprendizagem.

O inventário de estilo de aprendizagem de Kolb (1984) proporciona a avaliação de quatro índices de aprendizagem que fazem parte do ciclo: Experiência Concreta (EC), Observação Reflexiva (OR), Conceituação Abstrata (CA) e Experimentação Ativa (EA).

A conceituação abstrata (CA) e experiência concreta (EC) podem ser utilizadas pelos alunos por meio da aplicação de métodos, que facilitem o seu aprendizado. Segundo Lima (2007, p: 33) “a captação ou percepção é entendida como a interpretação dos diversos estímulos registrados no cérebro pelos dispositivos sensoriais.” Deste modo, como é explicado pela teoria de Kolb, os índices são agrupados de dois em dois em um plano cartesiano. Devido a isto, inicialmente são avaliados os dois primeiros índices, conceituação abstrata e experiência concreta, conforme é apresentado na Tabela 2.

Tabela 2- Predominância na captação ou percepção da experiência

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Conceituação Abstrata	29	54,29%
Experiência Concreta	24	45,71%

Fonte: Dados da Pesquisa

Percebe-se que não há uma predominância de um dos dois índices, visto que aproximadamente 54% dos alunos apreendem por meio da conceituação abstrata. Conforme Leite, Batista, Paulo e Siqueira (2008 p:4) estes indivíduos “aprendem melhor quando são orientados por uma autoridade de modo impessoal, com ênfase teórica e análise sistemática.”. Os demais alunos 45,71% aprendem por meio da experiência concreta. Segundo Cerqueira (2000, p: 4) estes estudantes aprendem melhor “com resultados de experiência específica”. Nesse sentido, pode-se inferir que os alunos da pesquisa apreendem melhor quando a abordagem é abstrata do que quando é concreta.

Conforme a Tabela 3, pode-se analisar os dois últimos índices de aprendizagem quanto a predominância da observação reflexiva e a experimentação ativa.

Tabela 3- Predominância na transformação da experiência

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Observação Reflexiva	28	54,29%
Experimentação Ativa	25	45,71%

Fonte: Dados da Pesquisa

Da mesma forma que a tabela anterior pode-se observar que não há uma predominância distante quanto à observação reflexiva e a experimentação ativa, visto que a primeira apresentou um percentual de 54,29% e o segundo representado pelo percentual de 45,71%, significando uma distancia de 8,58 pontos percentuais com isso demonstra-se que os alunos da pesquisa aprendem melhor assistindo aulas do que fazendo tarefas em casa.

Após obter os resultados de predominância dos índices captação ou percepção da experiência e transformação da experiência, foi realizada a composição dos mesmos, diminuindo-se a conceituação abstrata pela experiência concreta (CA-CE) e experimentação ativa pela observação reflexiva (EA-OR). Deste modo, com a função dos dois eixos, colocaram-se os valores obtidos no plano cartesiano de Kolb e assim foi alcançado o estilo de aprendizagem preferido pelos alunos da pesquisa. Explica, Leite, Batista, Paulo e Siqueira (2008, p: 5) que o estilo de aprendizagem predominante dos alunos será determinado pelo “quadrante no qual a interseção das retas, que passam pelos pontos marcados nos eixos, estiver”. Deste modo, são apresentados na tabela 4 os estilos de aprendizagem predominante nos alunos do curso de ciências contábeis.

Tabela 4- Predominância dos estilos de aprendizagem

Estilo de Aprendizagem	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Divergente	33	62,26%
Assimilador	12	22,64%
Acomodador	5	9,44%
Convergente	3	5,66%

Fonte: Dados da Pesquisa

Em relação a Tabela 4, verifica-se que a predominância entre todos os semestres do curso de ciências contábeis é o estilo de aprendizagem divergente. Este resultado vem ao encontro do resultado obtido no estudo de Leite, Batista, Paulo e Siqueira (2008) nos quais os autores verificaram a predominância de estilo de aprendizagem dos estudantes do curso de ciências contábeis. Obtendo como achados a predominância do estilo divergente. Nesse sentido, as estudantes da pesquisa aprendem melhor por meio dos seus próprios pensamentos e sentimentos e com isso formulam suas próprias opiniões, e processam suas informações pela experiência.

Segundo Williams, Brown e Etherington (2013 p: 111) “divergentes preferem a observação à ação e operam bem em atividades de "brainstorm"”. Acrescenta D'Amore, James e Mitchell (2012, p: 507) “divergentes tem uma imaginação forte, estão cientes de significados e valores, e ter uma boa capacidade de gerar ideias e visualizar situações concretas a partir de diferentes perspectivas”.

A segunda preferência entre os alunos com uma variância ampla em relação ao primeiro estilo, foi o assimilador, este estilo é dominante nos indivíduos que entendem uma ampla gama de informações de forma resumida e lógica. Conforme Kolb (1984) os indivíduos do estilo assimilador são aqueles que organizam as informações, estabelecem modelos conceituais, testam suas ideias e analisam os dados quantitativos. Por fim o estilo acomodador que são os indivíduos que aprendem por tentativa e erro, seguido pelo convergente, que são os alunos que aprendem por meio de suas próprias descobertas.

A partir dos dados levantados sobre o estilo predominante dos alunos de todos os semestres, procede-se ao comparativo dos estilos de aprendizagem entre os sexos, faixa etária de idades e semestre.

O comparativo entre os estilos de aprendizagem segundo o sexo dos estudantes é apresentado na Tabela 5.

Tabela 5- Comparativo dos estilos de aprendizagem por sexo

Estilo	Frequência Absoluta (%) Alunos do sexo Feminino	Frequência relativa (%)	Frequência Absoluta (%) Alunos do Sexo Masculino	Frequência relativa (%)
Divergente	23	63,89%	10	58,82%
Assimilador	7	19,44%	5	29,47%
Acomodador	3	8,33%	2	11,76%
Convergente	2	5,56%	1	5,88%

Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme a Tabela 5, observa-se que o estilo divergente em relação ao total de alunos do sexo feminino e do sexo masculino mais uma vez se mostrou predominante, porém percebe-se que o estilo assimilador, acomodador e convergente é dominante no sexo masculino. Pose-se concluir que embora o estilo de aprendizagem preferido pelos estudantes seja o divergente, o sexo masculino adquiriu mais características dos outros estilos como o assimilador, acomodador e convergente. Demonstra-se, uma maior tendência nos homens do que em relação às mulheres em aprender de forma lógica (assimilador), com tentativas de erro (convergente), e por meio da experiência prática (acomodador). Em contrapartida como a maioria dos respondentes da amostra da pesquisa é do sexo feminino a predominância do estilo de aprendizagem nesta pesquisa encontra-se neste gênero, demonstrando que estes alunos aprendem melhor pela reflexão (divergente) do que pela lógica e prática, pois tendem a analisar as consequências e impactos de suas decisões possivelmente ocasionadas por fatores éticos, culturais e familiares.

Isto se confirma com o estudo de Fox e Bartoholomae (1999) que identificaram que os estudantes do sexo masculino tendem a se adaptar-se com mais frequência ao estilo de aprendizagem convergente e acomodador.

A tabela 6 evidencia, o comparativo dos estilos de aprendizagem por faixa etária de idade.

Tabela 6- Comparativo dos estilos de aprendizagem por faixa etária de idades

Estilo	Faixa Etária					
	Frequência Absoluta (%) 16 aos 20	Frequência relativa (%)	Frequência Absoluta (%) 21 aos 23	Frequência relativa (%)	Frequência Absoluta (%) 24 aos 52	Frequência relativa (%)
Divergente	19	61,29%	10	76,92%	4	44,44%
Assimilador	9	29,03%	1	7,69%	2	22,22%
Acomodador	1	3,23%	1	7,69%	3	33,33%
Convergente	2	6,45%	1	7,69%	0	0

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com a Tabela 6, o estilo de aprendizagem divergente na faixa etária dos 21 aos 23 é mais ativo em relação as outras idades. Já o estilo assimilador, como a segunda preferência foi mais predominante na faixa etária dos 16 aos 20. O estilo acomodador apresenta-se como a segundo preferencia na faixa etária dos 24 aos 52, por outro lado, o estilo

convergente não se demonstrou interessante entre os estudantes desta idade. Deste modo, os resultados indicam que os estudantes a partir de certa faixa etária, 24 aos 52 exploram mais atividades práticas.

O estudo de Cerqueira (2000) corrobora, pois demonstra que a preferência pelo estilo de aprendizagem acomodador aumenta no decorrer das faixas etárias. A autora comenta que à medida que os estudantes perdem características de observar e pensar adquirem experiências concretas e ativas, ou seja, fazer e sentir.

Os resultados destas faixas etárias vêm ao encontro dos achados da pesquisa de Joy e Kolb (2009), que avaliaram em seu estudo, a cultura, sexo, idade, nível de escolaridade dos alunos de diferentes países. Os achados da pesquisa demonstram que a predominância maior quanto à idade, é nos estilos de aprendizagem divergente e assimilador.

A tabela 7, apresenta o comparativo dos estilos de aprendizagem por semestre.

Tabela 7- Comparativo dos estilos de aprendizagem por semestre

Estilo	Alunos							
	Frequência Absoluta (%) 1º	Frequência relativa (%)	Frequência Absoluta (%) 3º	Frequência relativa (%)	Frequência Absoluta (%) 5º	Frequência relativa (%)	Frequência Absoluta (%) 7º	Frequência relativa (%)
Divergente	9	64,29%	15	71,43%	5	62,5%	5	50%
Assimilador	5	35,71%	2	9,52%	2	25%	2	20%
Acomodador	0	0	3	14,29%	0	0	2	20%
Convergente	0	0	1	4,76%	1	12,5	1	10%

Fonte: Dados da Pesquisa

Em relação a Tabela 7, pode-se verificar que o estilo de aprendizagem divergente é predominante em todos os semestres. Os alunos do primeiro semestre não se identificaram com os estilos acomodador e convergente, visto que estes estilos exploram a experiência, pois os alunos iniciantes tendem a aprender pelos estilos dos professores. Já no terceiro semestre o estilo acomodador se destacou em relação ao assimilador. Deste modo, os alunos no decorrer dos semestres utilizam mais da experiência, dos sentimentos e pensamentos em seus estilos. Além disso, nos semestres finais os alunos começam a utilizar em seus estilos de aprendizagem a prática (convergente), passando a identificar seus próprios estilos de aprendizagem.

O estudo de Reis, Paton e Nogueira (2012) é convergente á esses resultados. Os autores investigaram os estilos de aprendizagem dos estudantes do curso de ciências contábeis de instituições públicas e privadas. Os resultados demonstram que para o perfil dos alunos de ciências contábeis e pode ser que haja uma tendência de alguns estudantes dos últimos semestres estar exercendo atividades na área contábil, o que pode impactar nos resultados da pesquisa em relação aos estudantes ingressantes.

O estudo de Baldwin (1984) analisou os estilos de aprendizagem dos estudantes e professores de ciências contábeis. Os resultados corroboram demonstrando que os alunos iniciantes aprendem pelos estilos dos professores e que no decorrer do curso passam a identificar seus próprios estilos de aprendizagem.

Os resultados deste estudo demonstram que o estilo de aprendizagem predominante do curso de Ciências Contábeis da UCEFF Faculdades no município de Chapecó/CS foi o

divergente, esse resultado também se verificam em relação à faixa etária, sexo e semestre dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar os estilos de aprendizagem dos alunos matriculados no curso de ciências contábeis da UCEFF Faculdades no município de Chapecó S/C. Para atingir o objetivo proposto realizou-se uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa por meio de levantamento de dados com a aplicação do questionário. De um total de 150 alunos matriculados no curso de ciências contábeis da Uceff Faculdades, obteve-se 53 respostas para a análise dos dados.

Por meio da revisão da literatura pode-se observar que o tema estilos de aprendizagem está evoluindo em diversas áreas e em diferentes contextos. Tanto a literatura nacional como internacional está focalizada em estudos na área da saúde e engenharia. Devido a isso, o estudo buscou analisar as preferências dos estilos de aprendizagem dos alunos de ciências contábeis, que possibilitará contribuir para com o ensino superior em ciências contábeis.

Frente ao exposto, ao olhar para o cenário educacional, identificar o estilo de aprendizagem dos estudantes torna-se relevante para o desenvolvimento das suas próprias estratégias de aprendizagem, e também para auxiliar os docentes na observação e identificação da melhor forma de ensinar os alunos. Isso se confirma na pesquisa de Valente, Abib e Kusnik (2009) que averiguaram os estilos de aprendizagem dos professores e alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Ponta Grossa.

O inventário de estilos de aprendizagem de Kolb tem sofrido algumas críticas e modificações, como o estudo de Manolis, Burns, Assudani e Chinta (2013) que modificou o inventário de estilo de aprendizagem de Kolb de 1984, com o objetivo de torna-lo mais eficaz em identificar o estilo de aprendizagem dos indivíduos, mais econômico e também mais fácil de usar.

Os resultados da presente pesquisa contribuem ao constatar que o estilo de aprendizagem predominante nos estudantes do curso de ciências contábeis da UCEFF Faculdades foi o divergente, ou seja, os alunos deste curso captam as informações por meio da experiência concreta, expressam seus sentimentos enquanto aprendem e interagem com o professor e os colegas, esse resultado também se verifica em relação à faixa etária, sexo e semestre dos alunos. Deste modo, atende ao objetivo proposto pela pesquisa, mas vale salientar que ocorreram algumas variações entre os demais estilos de aprendizagem em relação às faixas etárias e os semestres.

Neste sentido, os estudantes a partir de certa faixa etária, 24 aos 52 exploram mais atividades práticas, em vista disso, à medida que os estudantes perdem características de observar e pensar adquirem experiências concretas e ativas, ou seja, fazer e sentir. Deste modo, os alunos no decorrer dos semestres utilizam mais da experiência, dos sentimentos e pensamentos em seus estilos e nos semestres finais começam a utilizar em seus estilos de aprendizagem a prática, passando a identificar seus próprios estilos de aprendizagem.

Em relação ao gênero, devido à maioria dos respondentes da amostra da pesquisa ser do sexo feminino a predominância do estilo de aprendizagem nesta pesquisa encontra-se neste gênero, demonstrando que a aprendizagem torna-se melhor pela reflexão do que pela lógica e prática, pois estes alunos tendem a analisar as consequências e impactos de suas decisões possivelmente ocasionadas por fatores éticos, culturais, familiares.

A limitação deste estudo consiste na impossibilidade da generalização dos resultados, pois foram analisados apenas 53 questionários. A utilização de um meio eletrônico restringiu a quantidade dos dados, limitando o alcance da pesquisa. Outra limitação é quanto à maioria dos respondentes da amostra da pesquisa ser do sexo feminino, causadas talvez por aspectos

éticos, culturais e familiares, que necessita outro tipo de pesquisa focada em fatores socioeconômicos. Contudo tais limitações não comprometem os resultados desta pesquisa.

Como sugestão para futuras pesquisas, recomenda-se a avaliação dos estilos de aprendizagem dos alunos da área de ciências contábeis, de diferentes instituições de ensino do estado de Santa Catarina fazendo um comparativo com outros estados, com o intuito de verificar se os estilos de aprendizagem apresentam diferenças, em áreas geográficas distintas.

REFERÊNCIAS

ALLESSANDRINI, C. D; WEINBERG, C.; GOUVEIA, D. da C; RUBINSTEIN. E; NEGREIROS. M.L.de M.; KUPFER, M.C; CAMPOS, M.C. R.M; MOOJEN, S. **Psicopedagogia: Uma prática, diferentes estilos**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1999.

BALDWIN, B. A; RECKERS, P. MJ. Exploring the role of learning style research in accounting education policy. **Journal of Accounting Education**, v. 2, n. 2, p. 63-76. 1984.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Ed. 70, Lisboa. 1977.

BRASIL. Lei nº 9.394. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: [http: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 20. mai. 2014.

CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de aprendizagem em universitários**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2000.

D'AMORE, A.; JAMES, S.; MITCHELL, E. KL. Learning styles of first-year undergraduate nursing and midwifery students: A cross-sectional survey utilising the Kolb Learning Style Inventory. **Nurse education today**, v. 32, n. 5, p. 506-515. 2012.

FELDER, R. M.; SILVERMAN, L. K. Learning and teaching styles in engineering education. **Engineering education**, v. 78, n. 7, p. 674-681. 1988.

FELDER, Richard M.; SPURLIN, J. Applications, reliability and validity of the index of learning styles. **International journal of engineering education**, v. 21, n. 1, p. 103-112. 2005.

FIGUEIREDO, R. S.; NORONHA, C. M. S.; NETO, O. J. de O. Estilos de aprendizagem no ensino técnico agropecuário das escolas técnicas federais do Estado de Goiás. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 4, n. 2. 2008.

FOX, J.; BARTHOLOMAE, S. Student learning style and educational outcomes: evidence from a family financial management course. **Financial Services Review**, v. 8, n. 4. 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002.

JOY, S.; KOLB, D. A. Are there cultural differences in learning style? **International Journal of Intercultural Relations**, v. 33, n. 1, p. 69-85. 2009.

LIMA, A. I. A. de O. **Estilos de aprendizagem segundo os postulados de David Kolb: uma experiência no curso de odontologia da UNOESTE**. Dissertação (Mestrado em Educação)

– Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente. 2007.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU, EDUSP. 1980.

KOLB, D. A. **Experiential learning: Experience as the source of learning and development**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1984.

LEITE FILHO, G. A.; BATISTA, I.V.C.; PAULO, J.J.; SIQUEIRA, R.L. Estilos de aprendizagem x desempenho acadêmico—uma aplicação do teste de Kolb em acadêmicos no curso de ciências contábeis. In: **Congresso USP de Controladoria e Contabilidade**. 2008.

MANOLIS, C.; BURNS, D. J.; ASSUDANIR; CHINTA.R. Assessing experiential learning styles: A methodological reconstruction and validation of the Kolb Learning Style Inventory. **Learning and Individual Differences**, v. 23, p. 44-52. 2013.

METALLIDOU, P.; PLATSIDOU, M. Kolb's Learning Style Inventory-1985: Validity issues and relations with metacognitive knowledge about problem-solving strategies. **Learning and Individual Differences**, v. 18, n. 1, p. 114-119. 2008.

OLIVEIRA, D. E. de. **Impacto dos estilos de aprendizagem no desempenho acadêmico do ensino de contabilidade: uma análise dos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós- Graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2012.

PORTILHO, E. **Como se aprende? Estratégias, estilo e metacognição**. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2011.

REIS, L. G. dos; PATON, C.; NOGUEIRA, D. R. Estilos de aprendizagem: uma análise dos alunos do curso de ciências contábeis pelo método Kolb. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 31, n. 1, p. 53-66. 2012.

Richardson, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1999.

SANTOS, A. A. A. dos; MOGNON, J. F. Estilos de aprendizagem em estudantes universitários. **Boletim de Psicologia**, v. 60, n. 133, p. 229-241. 2010.

SILVA, D. M. da. **O impacto dos estilos de aprendizagem no ensino de Contabilidade na FEA-RP/USP**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Departamento de Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2006.

SIQUEIRA, A. M. de O.; PRATES, L. H. F.; PAULA I.; OLIVEIRA D. de. Estilos de aprendizagem e estratégias de ensino em engenharia. **XL Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. 2012.

SOARES, E. **Metodologia Científica: Lógica, epistemologia e normas**. São Paulo: Atlas. 2003.

STOUT, D. E.; RUBLE, T. L. A reexamination of accounting student learning styles. **Journal of Accounting Education**, v. 9, n. 2, p. 341-354. 1991.

VALENTE, N. T. Z.; ABIB, D. B.; KUSNIK, L. F. Análise dos Estilos de Aprendizagem dos Alunos e Professores do Curso de Graduação em Ciências Contábeis de uma Universidade Pública do Estado do Paraná com a Aplicação do Inventário de David Kolb. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 18, n. 1, p. 51-74. 2009.

WILLIAMS, B.; BROWN, T.; ETHERINGTON, J. Learning style preferences of undergraduate pharmacy students. **Currents in Pharmacy Teaching and Learning**, v. 5, n. 2, p. 110-119. 2013.